

orientada, que proporciona melhor qualidade de vida em amplos aspectos, por meio de mecanismos complexos, parece atuar na modulação da dor. Objetivos: Identificar a presença de dor nas costas nos últimos 3 meses em indivíduos praticantes ou não praticantes de atividade física orientada, bem como se essa dor os impediu de realizar alguma atividade de vida diária (AVDs). Metodologia: 165 participantes do projeto de Avaliação e Educação Postural para a Comunidade, da ESEFID/UFRGS, entre os anos de 2015 e 2017, com idades entre 18 e 71 anos, responderam o questionário BackPei-A. Apenas as questões referentes à prática de atividade física, presença de dor nas costas e ao impedimento na realização das AVDs foram analisadas por estatística descritiva e pelo teste Mann-Whitney ($p < 0,05$). Resultados: 54 indivíduos eram do sexo masculino e 111 do sexo feminino. Do total de participantes, 117 indivíduos (71%) referiram ser praticantes de atividade física, sendo que destes, 101 relataram dor nas costas (86%), dos quais 30 (26%) foram impedidos de realizar alguma atividade por conta dessa dor. Dos 48 indivíduos que disseram não praticar atividade física, 44 (92%) referiram dor nas costas, e 25 destes (52%) disseram que essa dor em algum momento os impediu de realizar atividades. Houve diferença significativa entre os grupos de praticantes e não praticantes de atividade física para o impedimento de realizar AVDs ($p = 0,001$), mas não houve na prevalência de dor nas costas nos últimos três meses ($p = 0,341$). Conclusão: Ambos os grupos, de praticantes e não praticantes de atividade física apresentaram alta prevalência de dor nas costas, mas os indivíduos praticantes apresentaram menos problemas de incapacidade na realização das suas AVDs, quando comparados aos não praticantes. Embora o tipo, frequência ou intensidade da atividade física não tenha sido considerada nesse estudo, os resultados demonstram uma resposta positiva, independente das questões multifatoriais ligas a dor, sugerindo que a prática de atividade física orientada possui uma função preventiva, especialmente quanto às situações de incapacidade. Unitermos: Exercício; Dor; Incapacidade.

P1726

Perfil das gestantes que realizaram menos de oito consultas pré-natal em um hospital referência da região central do Rio Grande do Sul em 2016: resultados preliminares

Áureo Júnior Weschenfelder, Fernanda Vasconcelos Dias, Guilherme Tavares de Arruda, Melissa Medeiros Braz - UFSM

Introdução: A assistência pré-natal tem por objetivo principal assegurar a evolução normal da gestação. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o número mínimo de consultas pré-natal preconizado é de 8 consultas para gestantes. Apesar de existirem campanhas e incentivos por parte dos profissionais da saúde para a realização do pré-natal, ainda há um número elevado de gestantes que não realizam o acompanhamento pré-natal. Diante disso, é importante conhecer o perfil dessas mulheres para promover maior incentivo de adesão ao pré-natal. Objetivo: Analisar o perfil das gestantes que realizam menos de oito consultas pré-natal em um hospital referência da região central do Rio Grande do Sul (RS). Métodos: Pesquisa descritiva, transversal, retrospectiva e do tipo quantitativo realizada por meio de análise de prontuários de gestantes atendidas, no ano de 2016, em um hospital referência da região central do RS. A coleta dos dados foi realizada entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018. Foram incluídos os prontuários de gestantes de bebês nascidos vivos, no ano de 2016, sem delimitação etária. Foram excluídos os prontuários preenchidos incorretamente. Os dados foram analisados de forma descritiva. Resultados: Foram analisados 86 prontuários, dentre os quais, 37 (43,02%) eram de gestantes que realizaram menos de oito consultas pré-natal. Destas, a média de idade foi de $26,43 \pm 7,62$ anos, 29 (78,38%) eram brancas, 12 (32,43%) completaram os estudos do ensino fundamental, 22 (59,46%) eram do lar e 25 (67,57%) eram solteiras. Em relação às intercorrências na gestação, 05 (13,51%) tiveram pré-eclâmpsia, 03 (8,11%) tiveram diabetes gestacional e 13 (35,13%) tiveram outro tipo de intercorrência. Conclusões: Foi observado que quase metade dos prontuários analisados eram de gestantes que realizaram menos de oito consultas pré-natal. Diante disso, os profissionais de saúde devem incentivar e orientar as gestantes a realizarem consultas pré-natal, de modo a obter um melhor acompanhamento da gestação. Unitermos: Mulheres; Gestantes; Cuidado pré-natal.

P1732

Aptidão cardiorrespiratória de adolescentes: contribuição da prática de atividades físicas fora do ambiente escolar e do deslocamento ativo para a escola

Eduardo Claus Farias da Rosa, Fernando Vian, Guilherme Cortoni Caporal, Júlio Brugnara Mello, Marja Bochehin do Valle, Luiza Naujorks Reis, Gisele Pinheiro da Silva, Anelise Reis Gaya, Adroaldo Cezar Araujo Gaya - UFRGS

Introdução: A aptidão física relacionada à saúde tem como um de seus principais componentes a aptidão cardiorrespiratória (ApC). Bons níveis de ApC na adolescência dependem de alguns fatores, dentre eles a atividade física (AF). Na adolescência a prática diária de AF está ligada a participação em esportes, assim como aos hábitos relacionados a comportamentos do cotidiano como, por exemplo, o deslocamento ativo. Identificar quais fatores se associam a bons níveis de ApC possibilita um direcionamento em diferentes intervenções na perspectiva de saúde. A partir disso, o objetivo deste estudo é comparar a ApC de adolescentes que praticam e não praticam AF fora da escola e que se deslocam de forma ativa e passiva para a escola. Método: Trata-se de um estudo comparativo com abordagem quantitativa. A população foram adolescentes da zona sul de Porto Alegre. A amostra foi do tipo aleatória por conglomerados. A ApC foi avaliada através do teste de corrida/caminhada de 6 minutos. A prática de AF fora da escola e o deslocamento para a escola foram avaliadas a partir de respostas a um questionário realizado na escola. Para o tratamento dos dados foi utilizada análise descritiva, recorrendo-se a valores médios e desvios padrão. Para fins de comparação foi utilizado o teste t de Student para amostras independentes, considerando um nível de significância de 0,05. Este estudo foi aprovado pelo CEP-UFRGS sob o número: 1.338.597. Resultados: Foram avaliados 236 adolescentes com idade entre 14 e 17 anos. Os adolescentes que indicaram praticar AF fora da escola apresentaram um melhor desempenho, em média, ($887,3 \pm 186,5$) do que seus pares que reportaram não praticar AF fora da escola ($802,5 \pm 161,3$). A análise de comparação demonstrou uma diferença significativa ($t: 3,20(159,3)$; $p: 0,002$). Com relação a comparação da ApC em diferentes deslocamentos para a escola encontramos: ativo= $865,5 \pm 176,1$ e passivo= $823,7 \pm 177,8$, sem diferença significativa. Conclusão: Adolescentes que realizam AF fora da escola apresentam maiores níveis de ApC em relação a seus pares que não praticam tais atividades. Portanto, incentivar que adolescentes pratiquem atividades para além da educação física escolar pode ser uma importante estratégia de promoção da AF e consequentemente aumento da ApC. Unitermos: Aptidão física; Atividade motora; Jovens.